

Mergulhar e quase desaparecer

ANTÓNIO ARAGÃO E A POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA

BRUNO MINISTRO

E tudo nasceu de quem arrancou com os Cadernos. Quem?

SALETTE TAVARES, CARTA A ANA HATHERLY, 9/1/1975

A EXTENSA REDE de comunicação que os autores da poesia experimental portuguesa (PO.EX) estabeleceram a nível internacional teve implicações profundas na forma como o experimentalismo português se veio a desenvolver. No interior dos envelopes que saem das suas mãos haveria, revela E. M. de Melo e Castro, menos prosa e mais poesia: «Não existe uma epistolografia Experimental, porque nós mandávamos o que inventávamos e produzíamos. Mandávamos postais, desdobráveis, originais de poemas que se copiavam em *stencil*, livros, revistas, notícias de jornal, artigos de jornal, livros de artista, etc... A gente trocava tudo» (2006: 197). Assim, se a troca de correspondência, entendida num sentido tradicional, não foi uma prática frequente entre os poetas experimentais, não quer isto dizer que outras formas de comunicação postal não tenham sido abundantes e profundamente expressivas. Do mesmo modo, o facto de serem os artefactos criativos (poemas, livros, catálogos, panfletos, etc.) a constituírem os processos comunicativos *per se*, não implica que não tenha havido correspondência em sentido estrito. Ela existe e interessa analisá-la numa escala de detalhe. Em particular, revelam-se fundamentais as missivas trocadas entre os agentes do experimentalismo poético português, as quais podem contribuir para descortinar aspetos determinantes que permanecem ocultos na sua história.

PONTOS DE PARTIDA, DE ENCONTRO E DE FUGA

A génese da poesia experimental portuguesa é, desde logo, o primeiro dos cenários marcados por dúvidas, lacunas e factos contraditórios. Embora o seu projeto de escrever a história da PO.EX não tenha sido levado até ao fim, Ana Hatherly, incomodada talvez com essa incompletude, deixou registadas preciosas indicações sobre o papel de António Aragão no processo. Num tes-

temunho redigido um ano após o falecimento deste artista múltiplo, Hatherly avança: a «valiosa correspondência que com o poeta troquei, [...] uma vez devidamente divulgada, seria importante para o real conhecimento da gênese do que hoje chamamos o Movimento da Poesia Experimental Portuguesa em que António é figura matricial» (2011: 94). No seu texto, a autora procura demarcar-se de alguns equívocos genealógicos que se vieram a fossilizar, mormente a associação do experimentalismo português à poesia concreta brasileira, estabelecida «erradamente, como sua fonte primária essencial» (97). É, pois, partindo das pistas deixadas por Ana Hatherly neste e noutros textos que, aqui, me proponho revisitar a gênese da PO.EX, reequacionando a sua ligação seminal aos experimentalismos europeus, nomeadamente ao italiano, por intermédio de António Aragão. Neste âmbito, revela-se essencial a atenta análise das cartas enviadas por Aragão a Hatherly¹, a extensa entrevista ao poeta produzida em 1994 pela RTP Madeira, bem como uma constelação de outros documentos que aqui se analisam, sintetizam e relacionam.

Antes de mais, convém lembrar que António Aragão, Ana Hatherly, E. M. de Melo e Castro, José-Alberto Marques e Salette Tavares constituem, por via individual e coletiva, o núcleo central responsável pelo estabelecimento das bases da poesia experimental portuguesa. Embora estes autores tenham atuado em conjunto durante um relativamente largo período de tempo, rejeitam o entendimento da PO.EX enquanto grupo ou movimento organizado, não obstante o facto de, à falta de melhor, serem esses os termos que usam com frequência (cf. Torres, 2015; Torres e Seíça, 2016). Falar do experimentalismo omitindo os nomes dos cinco poetas mencionados é reforçar lacunas que se impuseram com o tempo na simultânea falta de uma leitura de conjunto² e de uma investigação de pormenor das obras daqueles autores³. António Aragão ocupa, no entanto, um lugar particular nesta história: foi ele o principal responsável pela criação, organização e financiamento da revista *Poesia Experimental*⁴, elemento histórico que serviu de «ponto de encontro» (Hatherly e Melo e Castro, 1995: 50) àquele núcleo de poetas e a partir do qual se abriram caminhos plurais para o experimentalismo poético português.

Embora a PO.EX não nos tenha legado um manifesto, para E. M. de Melo e Castro, «[a poesia começa onde o ar acaba]»⁵, denso texto assinado por Aragão, «expressa todo um programa de invenção e intervenção poética que se pode estender a todos os colaboradores dessa revista, pois ele era um contraditório mestre! O antimestre, talvez até subliminar...» (Melo e Castro, 2015: 129). Também o ensaio «A Arte como Campo de Possibilidades», publicado por Aragão anos antes, no *Jornal de Letras e Artes* de 7/8/1963, foi, segundo testemunha Melo e Castro, «um dos primeiros sinais teóricos de que algo estava para acontecer na poesia em Portugal», acrescentando que, apesar de estes terem sido «obviamente quase ignorados pelo meio literá-

rio», foram «reconhecidos e aplaudidos por um pequeno número de poetas que estavam já sintonizados e até com livros publicados com características experimentais» (*ibid.*).

E. M. de Melo e Castro e Ana Hatherly são hoje frequentemente referidos como os principais rostos do experimentalismo poético português. Não questionando o lugar de relevo que a obra de ambos — extensa e riquíssima — assume no contexto das práticas experimentalistas, tal parece dever-se sobretudo à sua intensa atividade de disseminação destas formas poéticas, nomeadamente através da colaboração regular que mantiveram com diversas publicações periódicas e demais produção teórica que foram reunindo em livro ao longo dos anos. Em carta enviada a Hatherly, datada de finais dos anos 60, Aragão deixou escritas curiosas palavras sobre este esforço de divulgação:

Estou desejando de chegar a Lisboa para falar consigo e ver o que está fazendo. Tenho sabido também de si por algumas coisas que você, numa constância de mostrar a vanguarda poética, vai publicando nos jornais da capital. Você e o Melo e Castro. Ainda bem. Eu já não me sinto com coragem para ensinar. Prefiro mergulhar-me e quasi desaparecer. (Aragão, 1969b)

Não obstante o isolamento do autor na Madeira — «este incómodo da ilha» (Aragão, 1969a) — ter contribuído para a sua atual invisibilidade, Aragão, que desaparece dos jornais, dos *ensinamentos*, da divulgação da vanguarda poética, não desaparece, porém, das publicações em livro e da colaboração com revistas e exposições, em Portugal e no estrangeiro. Sobretudo, o poeta não desaparece do contacto direto com outros autores, nomeadamente com aqueles que viriam a constituir a segunda geração de poetas experimentais. Com efeito, Aragão exerceu uma influência assinalável sobre alguns destes elementos, em particular, António Dantas e António Nelos, com quem criou e dinamizou projetos como *Filigrana* (cf. Nelos, 2015); ou Fernando Aguiar, cujo percurso tem início, segundo testemunha o próprio, no encontro fortuito com um dos livros de Aragão (cf. Aguiar, 1999); ou, ainda, Silvestre Pestana, jovem membro das tertúlias e laboratórios dinamizados por Aragão na Madeira (cf. Pestana *in* Hatherly e Melo e Castro, 1981: 20) e poeta desafiado a participar, por intermédio daquele, em várias manifestações experimentalistas (cf. Aragão, 1969c)⁶.

ENGENHARIA REVERSA PARA UMA CRONOLOGIA DAS AUSÊNCIAS

Nada nasce do nada e tudo se liga a tudo. Na bibliografia sobre a PO.EX, encontramos frequentes menções ao carácter antecipatório de obras como *Espelho Cego* (1957), de Salette Tavares, ou de experiências visuais surrealistas. São estes os antecedentes imediatos do experimentalismo, embora os

estudos de arqueologia do texto-visual desenvolvidos pelos próprios poetas conduzam também ao Modernismo, ao Barroco e à Grécia Antiga. Depois a experimentação adensou-se, através das formas radicalmente experimentais — já metarreflexivas e situadas em contexto — que encontramos no poema concreto «Solidão», que José-Alberto Marques publica em 1958 na *Revista dos Finalistas do Colégio Andrade Corvo*, e no poema concreto de Ana Hatherly que, no *Diário de Notícias* de 17/9/1959, acompanha o seu texto «O Idêntico Inverso ou O Lirismo Ultra-Romântico e a Poesia Concreta». São ainda indispensáveis nesta cronologia do experimentalismo as obras *Ideogramas e Objecto Poemático de Efeito Progressivo*, ambas publicadas em 1962 por Melo e Castro. Rui Torres expande esta cartografia ao assinalar o carácter precursor na «abordagem minimalista e repetitiva de Abílio-José Santos em *Voo do Morcego* (1962) ou ainda no *Poema Primeiro* de António Aragão (1962), que antecipa preocupações ao nível da forma poética que viriam a ser exploradas posteriormente» (2014: 11).

Aprofundando este exercício, refira-se como, na introdução à *Antologia da Poesia Concreta*, Melo e Castro⁷ se reporta a dois episódios relacionados com a receção do concretismo brasileiro em Portugal que, a seu ver, contribuíram para a emergência da PO.EX:

Dois acontecimentos antecedem o aparecimento em Portugal de manifestações originais da Poesia Concreta: primeiro, a rápida visita a Lisboa de Décio Pignatari em 1956 (sem resultados significativos) após o seu já histórico encontro com Gomringer; segundo, a publicação em 1962, pela Embaixada do Brasil em Lisboa, de uma pequena mas excelente compilação da Poesia Concreta do Grupo Noigandres. (1973: 12)

No entanto, como assentido pelo próprio, facto é que estes acontecimentos não tiveram repercussões diretas no cenário literário português. Omar Khouri, investigador da poesia concreta brasileira e, mais recentemente, das suas interseções com o experimentalismo português, afirma mesmo que «a passagem de Décio Pignatari por Lisboa [...] restou como uma simples curiosidade dentro das histórias dos experimentalismos poéticos luso e brasileiro» (Khouri, 2015). Por seu turno, a antologia a que Melo e Castro faz alusão, organizada por Alberto da Costa e Silva sob o título *Poesia Concreta*, terá contribuído, de facto, para um contacto, ainda que de pequena escala, dos poetas portugueses com o concretismo brasileiro⁸. Claro que os poemas concretos elaborados por Marques e Hatherly em finais da década anterior vinham já informados pela leitura de obras concretistas, conhecimento de igual modo influente nos trabalhos que Melo e Castro publica no início da década de 1960, momento em que, aliás, inicia correspondência com Haroldo de Campos.

Porém, será com a iniciativa de António Aragão, em parceria com Herberto Helder, que se vai dar o passo decisivo na criação de uma rede que, em torno da revista arauto do experimentalismo, irá unir todos estes poetas. Nas páginas de *Poesia Experimental*, superam-se, inclusive, algumas das coordenadas da poesia concreta ortodoxa, de que tanto Aragão (1981) como Hatherly (1959) já se distanciavam criticamente nos seus artigos seminais sobre o tema.

Também na transcrição da mesa-redonda preparada para a XIV Bienal de São Paulo (1977) vamos encontrar dados reveladores a este respeito. Ali, Aragão narra, de forma extensiva, a sua experiência pessoal, num passo que, pela relevância nesta matéria, me permito aqui reproduzir:

Bom, primeiro que tudo, antes de aparecer a revista [*Poesia Experimental*], eu saí de Portugal, inseri-me noutra contexto que não era o contexto português, um contexto onde se viviam determinadas vivências e se faziam determinadas experiências de tipo criativo, sobretudo França e Itália, e aí eu concebi uma nova maneira de recriar aquilo que tinha deixado para trás e que era uma tradição da poesia portuguesa. Quando passados tempos chego novamente a Portugal encontro tudo na mesma, estratificado, politicamente inacreditável, e então eu vi que a gente chega aqui e realmente sufoca. Dá-se um encontro ocasional com mais um poeta [Herberto Helder] e começo a falar: — «É pá, isto aqui não se passa nada, estamos enquadrados numa situação política terrível que se reflecte na actividade criativa; temos de fazer qualquer coisa, isto não pode continuar assim». E em dada altura [1963] começámos a elaborar um projecto. Para já, há uma coisa que é importante referir, que é a relação que houve depois entre nós e os elementos que cá havia e que já iam fazendo qualquer coisa, que iam fazendo *Poesia Experimental*. (Aragão, *in* Hatherly e Melo e Castro, 1981: 18)

Não é de estranhar que os primeiros momentos do experimentalismo português estejam diretamente relacionados com as vivências de António Aragão em França e Itália. Neste último país, onde o autor residiu durante mais tempo, os contactos que estabeleceu com poetas e grupos experimentais foram determinantes. Em Itália travou conhecimento com algumas das formas neovanguardistas, representadas, desde logo, pelos I Novissimi, grupo fundado com enorme polémica em 1961 por Alfredo Giuliani, Edoardo Sanguineti, Antonio Porta, Nanni Balestrini e Elio Pagliarani. Foi neste contexto, em profunda fermentação de ideias, que o poeta português se inseriu no início dos anos 60, tendo vivido em Itália pelo menos entre 1960 e 1963. A partir de Roma, Aragão observa, participa em atividades e convive com alguns dos mais destacados dinamizadores neovanguardistas. Além de Balestrini⁹, na capital italiana conheceu pessoalmente Mario Diacono e Emilio Villa, tendo-lhe sido ainda proporcionado o contacto com Stelio Maria Martini. Estes diálogos são

particularmente relevantes na medida em que motivaram a colaboração dos poetas italianos com *Poesia Experimental*: Villa participou nos dois números da revista, enquanto Diacono publicou um texto no segundo; já Martini foi convidado a colaborar no terceiro número, o qual nunca chegou a ser editado (Ministro, 2019). A experiência em Itália foi de tal modo intensa que implicou até uma certa inflexão na trajetória artística de Aragão, cuja obra se centrava, à época, sobretudo na pintura¹⁰, como revela:

Marcou-me muito. Eu convivi imenso com eles. [...] Fiz o meu primeiro livro em Roma. O primeiro livro foi publicado em Portugal, na coleção Pedras Brancas. [...] esse convívio lá, em liberdade, essa maneira de exprimir-me agora pela palavra foi para mim salutar, [...] foi outro encontro com outra forma de expressão, de realizar-me. (Aragão, 1994: 28m29s)

Se o livro *Poema Primeiro* (1962) foi escrito em Itália e publicado na Covilhã, na coleção coordenada por Melo e Castro, já o primeiro número de *Poesia Experimental*, de 1964, veio a ser inteiramente projetado em Portugal, transportando as suas vivências internacionais para o contexto do país, então marcado pela falta de liberdade de expressão imposta pela ditadura salazarista. Como conta o próprio: «aqui estava-se fechado. Para pôr uma vírgula havia medo. E há um poeta que sentia esse medo. E eu disse 'Ó homem, veja isto. Veja como eu vivi. Veja como se vive lá fora.' E então fundámos a primeira revista de poesia experimental. Deu muito que falar» (Aragão, 1994: 28m55s).

GRAU ZERO, OU GÉNESE DA GÉNESE DA PO.EX

A iniciativa de produzir uma publicação de vanguarda, esboçada em 1963 em conjunto com Herberto Helder, nasce, portanto, de uma necessidade de romper com o estado de coisas (meio literário, contexto político, estagnação cultural), como outros experimentalistas também deixaram vasto testemunho. O projeto inicial idealizado por Aragão e Helder chegou a ser proposto a uma editora que, contudo, não mostrou interesse em publicá-lo. Não há testemunhos, à data, que permitam aferir os contornos exatos deste projeto fundacional. Ainda assim, é possível conjecturar que tal publicação fosse composta por textos com forte componente combinatória e permutativa, dado serem sobretudo esses os territórios criativos explorados à época pelos dois poetas¹¹. A procura de soluções alternativas de edição acabou por conduzir a inúmeras reformulações, segundo Herberto Helder:

Depois encontrámos um editor mais ou menos pirata [Ilídio Ribeiro, Cadernos de Hoje] que se mostrou disposto a publicar o caderno que, no interim, fora sofrendo alterações, com inclusão de mais gente e substituição dos tex-

tos iniciais do Aragão e meus. Em seguida, apareceu o Melo e Castro e a Salette Tavares. As discussões alargaram-se. (Helder, 1975)

Não bastando o desafio de construir de raiz um projeto experimental, as dificuldades estenderam-se ao segundo número da revista — «O II volume foi impresso aqui no Funchal tendo eu dirigido a sua apresentação gráfica e consequente trabalho de impressão que me deu água pelas barbas» (Aragão, 1975) —, testemunhadas também por Salette Tavares quando constata que «o original da minha colaboração neste Segundo Caderno ficou irreconhecível no que saiu impresso» (Tavares, 1975), queixando-se ainda do tratamento gráfico e da falta de qualidade do papel do primeiro número. Por outro lado, Melo e Castro (2018a) relata, em *e-pistolografia* recente, a necessidade de se recorrer a sobras de cartolina para as capas do segundo número, daí resultando exemplares cuja capa é vermelha e outros em que é rosa. Relacionado com esta peripécia, o poeta refere ainda a caricata situação de aos organizadores ter sido prometido um apoio financeiro que nunca se chegou a efetivar, embora o nome e *slogan* da bebida alcoólica patrocinadora tenham ficado estampados em todas as capas, independentemente da sua cor. À dificuldade em materializar o número soma-se o obstáculo acrescido de o colocar em circulação: «Pena foi, lembro-me agora, ter entregue a 2.^a edição do 2 *Poesia Experimental* ao tal Ilídio Ribeiro que tem tudo para lá armazenado e eu paguei a edição aqui que me custou 11 contos. Quando chegar a Lisboa vou apertar esse tipo. Não percebo tipos destes» (Aragão, 1968).

Como Ana Hatherly afirma em artigo no qual transcreve uma série de excertos de depoimentos dos principais intervenientes do primeiro experimentalismo português, aí incluídos alguns dos fragmentos de Helder, Aragão e Tavares citados acima a partir dos originais, «só depois da publicação desses dois volumes iniciais quando se definiu claramente a directriz que iria seguir o Experimentalismo português, só depois, se veio a verificar quem eram os verdadeiros experimentalistas, e quais as bases teóricas que defendiam» (1995: 14). Assim, se, num primeiro momento, o projeto foi constituído pelos dois poetas madeirenses, mais tarde abriu-se à participação desses outros «elementos [...] que já iam fazendo [...] *Poesia Experimental*» (Aragão, *in* Hatherly e Melo e Castro, 1981: 18), isto é, «poetas que estavam já sintonizados e até com livros publicados com características experimentais» (Melo e Castro, 2015: 129), ou seja, «as discussões alargaram-se» (Helder, 1975)¹². Ainda que o fenómeno experimentalista não se possa reduzir ao seu momento inicial — correspondendo, sim, a uma construção heterodoxa cujas atividades do arco histórico de maior fulgor se prolongaram da década de 1960 até aos anos 80, com vários agentes e momentos-chave —, foi, contudo, como vimos, no encontro pré-*Poesia Experimental* entre Aragão e Helder que se lançaram

as bases da abertura à construção de um projeto coletivo que hoje, por fim, começamos a entender como um marco na literatura portuguesa do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo de pormenor da PO.EX, manifestação já de si refundida na sua globalidade, oferece enormes desafios à investigação. Estas dificuldades alcançam um outro patamar quando nos debruçamos sobre o período pré-experimental e os momentos iniciais das suas atividades nacionais e internacionais — dispersas e lacunares, ainda assim múltiplas e fulgurantes, pelo que é possível aferir numa arqueologia dos seus rastros. A correspondência trocada entre os intervenientes, ainda por estudar (e por localizar, em muitos casos), pode muito bem proporcionar um renovado contributo para o melhor entendimento das nuances do experimentalismo poético português. Nunca será demais reforçar que a poesia experimental, como já mencionado em diversos momentos deste texto, independentemente dos protagonismos numa ou noutra esfera, é historicamente constituída pelas obras e atividades — individuais e coletivas, nacionais e internacionais — de um conjunto plural de autores que se posicionaram de forma experimental no campo literário. Por outras palavras, António Aragão não é a poesia experimental portuguesa. Mas a poesia experimental portuguesa é, também, António Aragão. Impõe-se, por isso, que, do seu mergulho profundo, reapareça.

NOTAS

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da bolsa de doutoramento da FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia; com a referência PD/BD/105707/2014. Gostaria de agradecer a E. M. de Melo e Castro pelos esclarecimentos prestados e a Marcos Aragão Correia, filho de António Aragão, pela autorização para citar excertos da correspondência do autor. Agradeço também a Rui Torres, Manuel Portela e Sandra Guerreiro Dias pela leitura e comentário de versões precedentes deste manuscrito, entretanto sobejamente reformulado com o apoio da equipa da *Colóquio/Letras*, a quem expresso a minha gratidão. Por último, deixo ainda o meu agradecimento a Fátima Lopes (Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea da BNP) pelo apoio sem o qual o mergulho que neste ensaio se realizou não teria sido possível.

¹ A correspondência a que aqui se faz menção está disponível no espólio da autora depositado na Biblioteca Nacional de Portugal. Daí são citadas também cartas de Herberto Helder e Salette Tavares. Alguns excertos desta correspondência foram anteriormente incluídos num importante artigo sobre a história do experimentalismo (Hatherly, 1995), trabalho que, à sua escala, este ensaio se propõe continuar.

² Em contracorrente, deve salientar-se a publicação, em 2004, da *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa*, organizada por Carlos Mendes de Sousa e Eunice Ribeiro, e o trabalho reali-

zado, desde 2006, pelo *Arquivo Digital da PO.EX*, coordenado por Rui Torres, no sentido de recuperar, catalogar e tornar acessíveis obras e documentos dispersos, produzindo um entorno crítico fundamental para a revisitação da literatura experimental portuguesa e o aparecimento de novos estudos, como aquele que aqui se realiza.

- ³ Sobre Aragão, mencione-se, contudo, o sustentado contributo de duas revistas, *Margem 2* (n.º 28, 2011) e *Cibertextualidades* (n.º 7, 2015), que dedicaram números especiais ao estudo das suas obras e legado. Refira-se ainda que o autor tem um lugar condizente com a sua importância no *Arquivo Digital da PO.EX* e, salvo raras exceções, tem sido incluído nas principais exposições nacionais e internacionais relacionadas com este género literário. Contudo, ao contrário dos restantes poetas que constituem o núcleo histórico experimentalista, ainda não foram dedicadas a Aragão nem uma exposição retrospectiva nem qualquer publicação antológica que permitam lançar uma perspetiva transversal da obra e colocar em circulação os seus trabalhos há muito esgotados.
- ⁴ Publicaram-se dois números, em 1964 e 1966, também apelidados de «cadernos antológicos», em alusão ao seu formato material e ao carácter congregador que ali se imprime. São estes os «Cadernos» da epígrafe.
- ⁵ Publicado originalmente no catálogo de *Visopoemas* (1965), exposição relacionada com o primeiro número de *Poesia Experimental*.
- ⁶ A influência sobre este último vem também testemunhada na carta que, em 1972, Pestana envia a Aragão do seu exílio na Suécia, hoje integrada na coleção da Galeria Zé dos Bois, tendo estado patente na exposição *Verbivocovisual* (2017), com curadoria de Natxo Checa.
- ⁷ Embora a antologia tenha sido co-organizada por Melo e Castro e José-Alberto Marques, foi o primeiro quem redigiu a introdução (não assinada), segundo pude confirmar diretamente com o autor (Melo e Castro, 2018b). Marques, que deu o seu aval ao texto, contribuiu com um apontamento final (vd. Marques *in* Fernandes, 2018: 484). Em 1977, Melo e Castro repete o passo citado com variações mínimas no texto «A Poesia Experimental Portuguesa», publicado no catálogo da representação portuguesa à XIV Bienal de São Paulo. O mesmo parágrafo aparecerá também em *As Vanguardas na Poesia Portuguesa do Século XX*, de 1980.
- ⁸ Esta publicação foi precedida por outra, de seu título *A Nova Poesia Brasileira*, extensa mas mais modesta no que à poesia concreta diz respeito, igualmente editada por Costa e Silva, em 1960.
- ⁹ António Aragão escreve sobre o encontro com este poeta no ensaio «A Arte como Campo de Possibilidades», já antes mencionado. Ali conta: «Recentemente contactámos em Itália com Nanni Balestrini e a sua poesia electrónica. Ele próprio nos explicou tudo o que se passava e imediatamente fomos seduzidos pela experiência em língua portuguesa. Com a colaboração do poeta N. Balestrini e dum programador de cérebro IBM construímos mais de três mil variações do mesmo grupo de versos» (1981: 105), prosseguindo com uma descrição e sustentação crítica da experiência.
- ¹⁰ Deve, contudo, salientar-se um evento literário relevante neste período pré-experimental do autor. Em 1956, Aragão organiza *Búzio*, publicação que hoje podemos perspetivar como preparatória, à sua medida, de *Poesia Experimental*. Nela se evidencia já a vontade de tomar a palavra e congregar pessoas à volta de um mesmo projeto interventivo. Vd. Moniz, 2011; Ministro, 2015.
- ¹¹ Este último deixou registo do carácter precursor do trabalho quando, a propósito da génese do experimentalismo, escreveu: «Lembro-me que eu andava às voltas com o Dorfles e o Bense, e estava muito interessado em experiências com computadores, o que não era viável, cá, coisa que fiquei a saber depois de umas conversas com um engenheiro do IBM» (Helder, 1975).

Considere-se também o posfácio a *Electronicólrica*, livro publicado em 1964 embora preparado, justamente, em 1963. Cf. nota 9.

- ¹² Alargaram-se, porém, também se afunilaram, como Helder é disso exemplo, figurando ainda como organizador do segundo número de *Poesia Experimental* (cf. Aragão, 1975), mas afastando-se definitivamente depois disso. Diz Helder em retrospectiva: «Talvez eu nem devesse figurar na história do experimentalismo português. Foi para mim um simples episódio, desportivo, para que fui levado por uma disponibilidade pessoal, na altura» (Helder, 1977).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Fernando, *Os Olhos Que o Nosso Olhar não Vê*, Lisboa, Associação Poesia Viva, 1999.
- ARAGÃO, António, carta para Ana Hatherly de 18/1/1968, BNP Esp. N57/cx. 5.
- , carta para Ana Hatherly de 11/4/1969a, BNP Esp. N57/cx. 5.
- , carta para Ana Hatherly de 26/6/1969b, BNP Esp. N57/cx. 5.
- , carta para Ana Hatherly de 8/9/1969c, BNP Esp. N57/cx. 5.
- , carta para Ana Hatherly de 16/9/1975, BNP Esp. N57/cx. 20.
- , «A Arte como Campo de Possibilidades» [1963], in Ana Hatherly e E. M. de Melo e Castro (orgs.), *PO.EX: Textos Teóricos e Documentos da Poesia Experimental Portuguesa*, Lisboa, Moraes Editores, 1981, p. 102-105.
- , entrevista com António Aragão. RTP Madeira, entrevista e reportagem realizada por Maria Luísa, 1994. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=c6LWST35Df4>>. Acedido em 17/1/2018.
- FERNANDES, Maria João Lopes, «O Encontro entre a Poesia e as Artes Visuais: Poesia Experimental Portuguesa 1964-1974», tese de doutoramento, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2018.
- HATHERLY, Ana, «O Idêntico Inverso ou O Lirismo Ultra-Romântico e a Poesia Concreta», *Diário de Notícias*, 17/9/1959.
- , «Salette Tavares e a Poesia Experimental», in Salette Tavares, *Poesia Gráfica*, Lisboa, Casa Fernando Pessoa, 1995, p. 11-15.
- , «Sobre António Aragão Um Ano depois», *Margem 2*, n.º 28, maio 2011, p. 94-97.
- HATHERLY, Ana, e E. M. de Melo e Castro, «Mesa Redonda (transcrição)» [1977], in Ana Hatherly e E. M. de Melo e Castro, *PO.EX: Textos Teóricos e Documentos da Poesia Experimental Portuguesa*, Lisboa, Moraes Editores, 1981, p. 17-25.
- , «Poesia Experimental Portuguesa: Uma Revisita», *Espacio/Espazo Escrito*, n.º 11-12, 1995, p. 59-62.
- HELDER, Herberto, Carta para Ana Hatherly de 1/9/1975, BNP Esp. N57/cx. 20.
- , carta para Ana Hatherly de 21/10/1977, BNP Esp. N57/cx. 20.
- KHOURI, Omar, «3. Viagens: A Viagem de Décio Pignatari à Europa, nos Anos 1950», *Escritos de Lisboa* [blogue], 10/11/2015. Disponível em <<http://www.nomuque.net/escritosdelisboa/page/5/>>. Acedido em 10/2/2018.
- MELO E CASTRO, E. M. de, introdução a *Antologia da Poesia Concreta em Portugal*, org. E. M. de Melo e Castro e José-Alberto Marques, Lisboa, Assírio & Alvim, 1973, p. 11-20.
- , entrevista de E. M. de Melo e Castro concedida a Raquel Monteiro, in Rui Torres (org.), *Poesia Experimental Portuguesa: Contextos, Ensaios, Entrevistas, Metodologias*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006, p. 195-202.
- , «António António Aragão Aragão», *Cibertextualidades*, n.º 7, 2015, p. 127-34.

- , [Sobre o segundo número de *Poesia Experimental* e mistério BOLS], mensagem de correio eletrónico recebida a 25/2/2018a.
- , [Sobre o terceiro número de *Poesia Experimental* e outros esclarecimentos], mensagem de correio eletrónico recebida a 23/3/2018b.
- MINISTRO, Bruno, «*Um Buraco na Boca*: Edição Crítica do Romance Experimental de António Aragão», tese de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2015.
- , «Poesia Experimental Portuguesa: Confluência, Encontro, Rede», *MATLIT*, n.º 7, vol. 1, 2019 (no prelo).
- MONIZ, Ana Isabel, «*Búzio* de António Aragão: Um Enfeixar de Diferentes Vozes», *Margem 2*, n.º 28, maio 2011, p. 30-40.
- NELOS, António, «Breve Depoimento sobre António Aragão», *Cibertextualidades*, n.º 7, 2015, p. 147-52.
- TAVARES, Salette, carta para Ana Hatherly de 9/1/1975, BNP Esp. N57/cx. 20.
- TORRES, Rui, «Visualidade e Expressividade Material na Poesia Experimental Portuguesa», in Torres (org.), *Poesia Experimental Portuguesa: Contextos, Ensaios, Entrevistas, Metodologias*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2014, p. 9-31.
- , «Salette Tavares e a Poesia Experimental Portuguesa», in Salette Tavares, *Poesia Espacial* [catálogo], Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/CAM, 2015, p. 25-35.
- TORRES, Rui, e Álvaro Seça, «O Experimentalismo como Invenção, Transgressão e Metamorfose: A PO.EX Revisitada através de PO-EX.net», *Colóquio/Letras*, n.º 193, set. 2016, p. 9-17.